

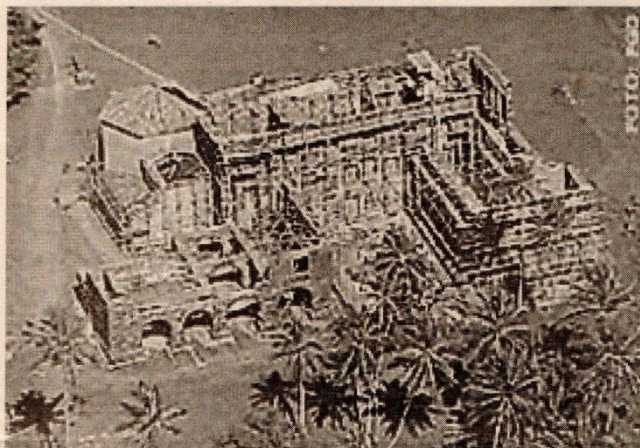
A saga da família "Ávila" nos sertões nordestinos

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO

PRESIDENTE DO IHG E COLABORADOR DA SOCIEDADE DE CONCERTOS SINFÔNICOS DE SÃO JOÃO DEL-REI

Em quase 500 anos na história do Brasil, o que aconteceu com a família Ávila certamente daria origem a uma empolgante minissérie... A família Ávila chegou ao Brasil em 1549, numa esquadra enviada por D. João III. Das caravelas, além de burocratas, soldados, artesão e religiosos, desembarcou Tomé de Souza e em meio ao grupo estava Garcia d'Ávila, protegido de Tomé, que viria a se tornar um dos mais poderosos e ricos habitantes do Brasil. Era alcaide (tesoureiro) do governador. Há quem afirme que ele era parente ou filho bastardo de Tomé de Souza, por isso receptor de grandes favores e doação de grandes porções de terra ao norte de Salvador. Depois de pouco tempo no Brasil, Garcia d'Ávila juntou considerável patrimônio em terras e dinheiro, investindo em criação de gado, iniciando a atividade pecuária em Itapoã e Tauapara (atual Praia do Forte). Expandiu as suas fazendas e escravizou índios. Construiu uma vistosa moradia em Tauapara, chamada Casa da Torre, originalmente em estilo de fortaleza medieval e depois ampliada e modificada, mas que se transformou em portentoso símbolo de poder da família (veja a foto). Aquela torre funcionou como ponto de vigilância da costa e de parada estratégica para descanso e abastecimento de tropas. Suas ruínas ainda são visíveis e constituem patrimônio histórico e cultural nacional, além de ponto turístico foi elevada a monumento nacional em 1938. Para mais detalhes acessem o sistema www.fgd.org.br. Aquele patrimônio passa por revitalização, "desenvolvida por iniciativa da Fundação Garcia D'Ávila; a restauração da Capela e a consolidação das ruínas da Casa da Torre, como também é conhecido o Castelo, estão sendo concluídas. As obras, orçadas em R\$ 4,5 milhões, estão sendo realizadas com o patrocínio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), da Petrobras e da Eletrobrás, e com apoio das Fundações Roberto Marinho e Luiz Eduardo Magalhães".

Quando já era bastante rico Garcia casou-se com a cristã-nova (judia convertida ao cristianismo) Mécia Rodrigues. Mécia não lhe deu filhos. O filho natural de Garcia com uma índia, João Homem, morreu jovem em combates pelo sertão. A descendência foi garantida pelo casamento de uma outra filha natural, Isabel d'Ávila, com Diogo Dias, neto de Diogo Álvares Correia, o Caramuru. Dizem que havia rancores entre a esposa legítima e a filha natural. Em 1591, Isabel denunciou Mécia Rodrigues à Inquisição por prática de rituais judaicos, proibidos pela Igreja.



Do casamento de Isabel nasceu Francisco Dias d'Ávila, herdeiro dos bens de Garcia d'Ávila (falecido em 1609). Francisco se destacou nas lutas contra a invasão de Salvador pelos holandeses (entre 1624-1625) e de Pernambuco (1637). Como recompensa a Coroa concedeu-lhe novas terras, honrarias e patentes militares. As suas sesmarias se estendiam da região de Salvador até o sertão de Sergipe.

Para manter o patrimônio, os Ávila realizavam casamento entre parentes próximos. Em 1678, uma descendente da família, também chamada Isabel d'Ávila, fugiu com Manuel Pais da Costa, o que foi um escândalo naquela época. O casal refugiou-se no Convento do Carmo de Salvador, protegido por rivais dos Ávila. Entre disputas, tentativas de anulação do casamento e reivindicação da herança por parte do casal, a situação se arrastou até 1679, quando a família organizou o casamento de Leonor Pereira Marinho, irmã da fugitiva, com o tio, Francisco Dias d'Ávila II.

Contam que um outro Ávila, Garcia d'Ávila Pereira Aragão, falecido em 1805, era muito culto e rico, mas tornou-se conhecido pelo seu extremo sadismo; cometia torturas inacreditáveis contra seus escravos, transformando a Casa da Torre em verdadeiro sítio de horrores (há o registro de que ele jogou um tacho quente e cheio de doce no corpo de uma escrava e de ter queimado as partes íntimas de um escravo com uma vela, dentre outros). Depois de ficar viúvo de Teresa Cavalcante de Albuquerque, casou-se com Josefa Maria da Conceição e Lima (da família Rocha Pitta), que preferiu não morar com o marido na Torre por ter fi-

cado sabendo que a sua primeira esposa morreu em decorrência das torturas do então marido.

Entre lutas por poder e dinheiro, conflitos sangrentos com índios e outras pendengas, a Casa da Torre estendeu suas terras até o Piauí e destruíram várias missões católicas. Nos séculos XVII e XVIII os Ávila se envolveram numa outra atividade, a exploração e o transporte do salitre a Salvador pela Casa da Torre em troca da concessão de mais terras, trabalho exercido por índios escravos. Mesmo não tendo conseguido honrar os prazos de entrega e as quantidades, teve a falha "perdoada" pelo governo-geral e garantiu a manutenção de todas as vantagens solicitadas.

A partir de 1852 o patrimônio da família se dispersou através de heranças e vendas. Nos séculos XVII e XIX a pecuária gaúcha cresceu e ultrapassou a nordestina, passando a abastecer os mercados da colônia. Secas dizimaram os rebanhos nordestinos, pressões pela posse da terra pela população do sertão fizeram com que os Ávila fossem diminuindo o patrimônio.

Segundo Ângela Emílio da Silva Pessoa, professor de História em Campinas/SP, autor da tese "As ruínas d tradição: a Casa da Torre de Garcia d'Ávila - Família e Poder no Nordeste Colonial" (USP-2003), "do passado de glórias e poder dos Ávila restaram apenas as histórias...".

FONTE DE CONSULTA

REVISTA "NOSSA HISTÓRIA" - Ano 2, nº. 14, dezembro de 2004. Páginas 56-60. Editada com o Conselho de Pesquisa da Biblioteca Nacional

Jornal de Minas

São João del-Rei – MG – Edição 51, 15 de janeiro de 2005, pág. 2